

JOSÉ DE ALENCAR

Cabe á provincia do Ceará a honra de haver dado o berço á gloria mais esplendente da nossa litteratura. José Martiniano de Alencarahi nasceu em 1 de Marco de 1829, e formou-se na faculdade de Olinda em 1851, começando nessa mesma cidade a sua vida publica.

Advogado distincto, lente de direito mercantil do Instituto Commercial, deputado geral em varias legislaturas, consultor do

ministerio da justica e mais tarde ministro da mesma pasta, antes de tudo isso atirara-se ás lides jornalisticas; o *Correio Mercantil*, esse bello florão do jornalismo fluminense, de 1853 a 1855 publicou artigos seus sobre a reforma hypothecaria e outros assumptos de igual transcendencia, e de Setembro de 1854 a Junho do anno seguinte a revista hebdomadaria, em folhetins, aos quaes dera o titulo—*ao correr da penna*.

Foi sob esta rubrica que, quasi se pôde dizer, estreou esse talento litterario, que bem depressa teria de impôr-se á admiração publica.

Tres folhetins escreveu elle seguidamente no *Jornal do Commercio*, tres primores, d'entre os quaes se destaca, como gemma de precioso fulgor, o que se refere ao commovente sermão do grande Mont'Alverne, quando, depois de longa ausencia do pulpito por motivo de cegueira, para satisfazer o desejo que tinha S. M. o Imperador de ouvil-o sequer uma vez, volveu ao theatro das suas glórias, cercado já da auriflamma da immortalidade. Da redacção do *Correio Mercantil* passou-se José de Alencar para a do *Diario do Rio de Janeiro*, que foi o campo das suas mais pujantes lides e da messe mais ampla dos seus louros jornalisticos.

Além de artigos de fundo, nos quaes aventou e discutio as mais importantes questões politicas e administrativas, escreveu tambem uma nova serie de folhetins de bom apreço, o seu mimoso romancete *Cinco Minutos*, seguido logo do seu admiravel *Guarany*, e antes a famosa critica da *Confederação dos Tamoyos*.

Como era natural, essa critica levantou grande celeuma no nosso Olympo litterario; os semi-deuses levantaram-se a uma, irados, para trucidar o ousado que tentava derrocal-os das alturas a que mutuamente se haviam alçado; o Olympo, porém, ruio por terra, e o ousado, sagrando-se por suas proprias mãos, elevou-se acima dos semi-deuses.

O primeiro romancete que sahio de sua penna, *Cinco Minutos*, foi um idyllio admiravel de sentimento e naturalidade; foi como o primeiro botão de uma roseira da mais rara especie, que se abre ainda mal conformado, mas já com petalas de suavissimo olor.

Sustando a publicação da *Viuvinha*, que seguira a dos *Cinco Minutos*, o romancista levantou mais forte vôo, e como a aguia já possante foi com as azas, no dizer do poeta, « roçar o semblante do sol. »

Com a appareção do *Guarany* surgiu a escola nacional applicada ao romance. A feição característica não está tanto nas scenas do indigenismo, na linguagem um tanto artificiosa de Pery, nas lutas dos selvagens com os portuguezes, como no colorido do estylo, no amaneirado mesmo embora menos correcto, e sobretudo no descriptivo, que é a pedra de toque de seu fulgurante diadema.

Um escriptor e um artista fundaram, no campo das artes e das letras, a escola brasileira; duas obras immortaes são as pedras

angulares do edificio que com o revestimento ganhará o cunho de verdadeiramente nacional: o *Guarany* de José de Alencar e a *Primeira missa no Brazil* de Victor Meirelles, a despeito de seus detractores, são dous monumentos impereciveis das nossas letras e artes.

Na *Primeira missa* tudo é novo: a natureza, os indigenas, o altar, o colorido, os agrupamentos, tudo emfim é original; no *Guarany* tambem a linguagem, que é o colorido; o descriptivo, que é a natureza; os homens, as cousas, o seu modo de estar e de sentir, tudo tambem é fóra dos moldes communs.

Em que peze aos que negam a existencia da *litteratura brasileira*, o *Guarany* não é, não pôde pertencer á litteratura portugueza; nesse mesmo descuido da fórma com que uns tantos criticos pretendem abater a bella obra d'arte, nisso mesmo está o *brazileirismo*, que é o *cachet* das producções de Alencar. Se o *Guarany* fosse escripto no estylo cerrado e terso de um Herculano, seria uma obra-prima não o duvidamos, mas nunca brasileira; ahi está a *Virgem Guaraciaba* de Pinheiro Chagas, escripta na intenção de doutrinar Alencar, que é de todo ponto inaceitavel como romance brasileiro.

Transportada a acção para Portugal, mudados os elementos constitutivos, ainda mesmo escripto por Alencar, o *Guarany* daria um producto muito diverso. Demais, onde iria Portugal emmoldurar em seu solo essa primorosa paizagem do Paquequer? como vestil-a da nossa secular vegetação, e animal-a com o viver livre e aventureiro dos nossos incolas ou bandeirantes?

A influencia do *meio* faz-se sentir poderosamente sob os tropicos; os povoadores do Brazil, brancos e negros, modificaram-se extraordinariamente, e, comquanto apenas a raça portugueza roçasse mui de leve pela indigena, ainda assim tanto bastou para que no lar do civilisado penetrassem certos usos do selvagem. Esta assimilação, por muito diminuta que pareça á primeira vista, nem por isso deixou de actuar na formação da nossa nacionalidade.

José de Alencar, filho já de brasileiros, não procurava furta-se á influencia do seu *meio*, mas antes nisso como que fazia certo timbre; não lhe eram desconhecidos os classicos, mas não procurava imita-os como ao inverso fazem outros escriptores nossos, que por exagero, parecendo tocar as raias do classismo, tornam a linguagem artificiosa e arida. Desde que lhe roubam a naturalidade, que presume a espontaneidade, a lingua portugueza perde todo o seu viço e colorido.

Ao *Guarany* succedeu as *Minas de Prata*, chronica fidelissima dos tempos coloniaes. Menos conhecido do que aliás é merecedor, este trabalho firmou a reputação de José de Alencar como chronista romantico.

Dous livros apparecem successivamente, e sob iniciaes de *G. M.*, que revelam uma face inteiramente nova do illustre cearense; dous estudos physiologicos, tão admiraveis pelo lado anatomico como pelo sociologico do meio em que se desenvolve a acção. *Luciola* e *Diva* são dous modelos no genero.

Emquanto assim caminha o romancista; como Protheo, o talento e a imaginação de Alencar, iriando-se á luz da rampa, cobrem-se de louros, produzindo o *Demonio Familiar*, *As azas de um anjo*, *Mãe*, *Verso e Reverso*. O primeiro é uma comedia de um atticismo parisiense.

No meio desse produzir admiravel, a politica, minotauro voraz e insaciavel, lança-o no vortice medonho, onde os partidos, á semelhança de Saturno, devoram os proprios filhos; o jornalista, o romancista, o dramaturgo e o poeta, emfim, transmudam-se em uma entidade sphynxica que se chama—estadista. José de Alencar passa a ser ministro da justiça e da guarda nacional!

O eclipse obumbrou por momentos o astro radiante e bello; mas em breve, irrompendo d'entre a pesada caligem, eleva-se de novo ao nadir e vai caminho da gloria.

Uma vez retirado da *alta politica* activa, depois de tragar o amargo que sempre deixa o contacto dessa ambicionada taça que se chama—poder—o homem de letras, volve ao remanso do gabinete de trabalho, o poeta evoca a musa fugitiva, e em pouco surge o *Gaúcho*, talhado por moldes homericos; extravagante, porém bello; fabuloso mas epico.

Antes de ser sequestrado pela politica escrevera Alencar a *Iracema*, mimo de estylo poetico, imaginoso, sem rival emfim no nosso idioma.

Depois do *Gaúcho* appareceu o *Tronco de Ipé*, fluente narrativa comparticipante da vida da côrte e do campo, drama intimo e singelo, em que o adoravel typo de Alice fulge como uma estrella limpida em céu de primavera. A este seguiram-se os *Sonhos de Ouro* não menos bello e attrahente, tanto pelo fundo como pela fórma.

Se o *Til*, trabalho de encomenda, sombrêa por momentos o astro, é para logo vê-lo reapparecer com dobrado fulgor; o perfil correcto da *Senhora*, juntando-se aos de *Luciola* e *Diva*, fórman os tres um grupo digno de um Phidias.

Infatigavel e fecunda, a imaginação de Alencar não queria repouso; apenas de quando em quando descia o olhar dos altos horizontes aos floridos vergeis. Como os grandes artistas emquanto descansam esboçam, assim Alencar quando depunha o pincel do pintor historico era para tomar o *crayon* do paizagista.

Nos intervallos de suas producções de maior folego dava a *Pata da Gazella*, o *Garatuja*, a *Ermida da Gloria*, a *Alma de Lazaro* e a *Encarnação*, florinhas mimosas, variegadas e louças, como essas humildes e perfumadas que vestem as nossas campinas.

Ubirajara enriquece a sua collecção de narrativas indigenas, emquanto que a *Guerra dos Mascates*, collocada entre o *Guarany* e as *Minas de Prata* fixa as normas do nosso romance historico.

Sobre ser escriptor litterario tão fecundo, foi tambem abalisado jurisconsulto; como consultor dos negocios da justiça escreveu numerosos pareceres, que se fossem publicados dariam bem para seis grossos volumes.

José de Alencar foi sem contestação um dos talentos mais uteis á patria, e por isso mesmo é quem tambem menos pesou sobre ella. Trabalhador incansavel, modesto e economico, tirava da sua profissão de advogado o preciso á familia, juntando as demasias para formar o peculio que legou aos filhos.

A sua vida, quer publica quer particular, é um bello exemplo que pôde ser apontado. A sua individualidade moral é tão digna de admiração e respeito como a sua individualidade litteraria.

Os ultimos annos da sua existencia foi uma luta perenne entre o espirito e a materia; o debil envolvero a muito custo podia conter tão grande espirito. Só a esforços da sua vontade tenaz, que o levou a peregrinar desde os sertões do berço natal até Paris, conseguiu disputar á morte o ultimo alento até de todo cahir exausto como um combatente em pleno campo da lucha.

Trabalhou quasi até a hora extrema.

Um mez antes de se lhe aggravarem os padecimentos, entregando-me o primeiro canto dos quatro que deixou compostos dos *Filhos de Tupan*, para dal-o aos prelos, disse-me: « Quero publical-os para presentear a alguns amigos, e, para não perder de todo o que está feito. Vai assim mesmo; d'ali, quem sabe, talvez que com a revisão das provas me volte a inspiração para acabar o poema. »

A morte sorprendeu-o revendo essas provas!

FELIX FERREIRA.

TRIBU DOS CAUXANAS

Orinnda do rio Branco, hoje está esta tribo espalhada principalmente pela margem esquerda do Solimões, sobretudo nas proximidades de Tunantins, onde são tam-



Indio Cauixana

bem conhecidos os indios dessa tribo por Cauixanas.

Em geral são feios, mal feitos de corpo, de boa indole e de caracter pacifico.

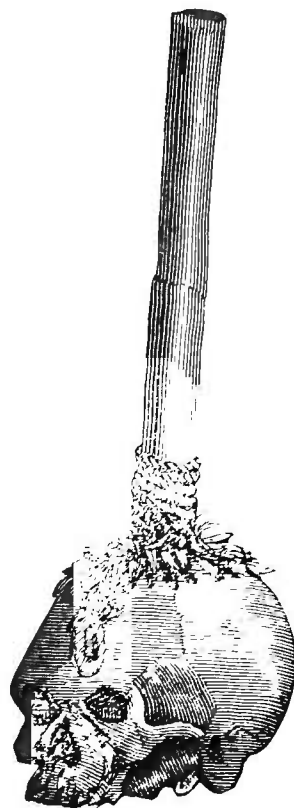
Costumam ambos os sexos andar pintados com o *urucú* para evitar as mordeduras dos piuns, usando os homens os cabellos compridos, suspndidos no alto da cabeça e seguros dentro de uma especie de chapéo, feito de *timbó teteca* (cipó), que tem o aspecto de um

pañeiro afunilado. A cintura aperta-se uma tanga feita de foliolos de palmeira, desfiados, ou de estopa de *sapucaia* (*Lecythis* sp.). E' uma das tribus que usam tambem o *uirary*, mas cuja composição é diferente da dos Ticunas, o que se conhece não só pelos seus efeitos, como pela reacção chimica. Este veneno é empregado nas flechas da *sarabana*, que preparam de outro modo. Feita de *pachiuba-y* (*Ireartea setigera*), em vez de ser entanniçada, é polida e envernizada com *cumaty*, o que dá o aspecto de ser feita de xarão.

A aljava tambem é diferente das outras tribus: é feita de um colmo de taquarussú, coberto de foliolos de *curuá*, superpostos longitudinalmente e ligados por uma espiral de fio de tucum encerado.

Além da sarabana empregam tambem na caça grande ou nas guerras o *kuraby*, feito da haste floral da *ubá*, armado de uma longa *suumba* triangular de *pachyuba* (*Ireartea exhorhiza*). Pelo seu dialecto o curare tem o nome de *apary*.

J. BARBOSA RODRIGUES.



Trompa dos indios do Amazonas feita de um craneo humano e de um pedaço de bambú.



o amanhecer de um sabbado os habitantes da villa de B*** viram, no largo da Matriz, plantado um grande poste, do qual pendia um cartaz enorme á guiza de estandarte.

O Manoel barbeiro, como o mais madrugador, foi o primeiro que se approximou, todo pequeno, a cabeça resguardada por um barrete de seda velha, as mãos cruzadas para traz das costas. E depois d'elle vieram o Antonio taverneiro, o escrivão da collectoria, um sujeitinho amarello e de oculos azues, o resmelengo Borges, official de justiça, e mais curiosos.

Fizeram roda ao poste.

No grande estandarte de lona pintada, onde umas figuras extravagantes, como os monstros das illuminuras bysantinas, aguçavam a curiosidade dos indigenas, lia-se em letras garrafaes :

COMPANHIA LEMOS
(ARTISTAS DA CÔRTE)

Grande espectáculo de Estréa

HOJE Sabbado 16 de Julho HOJE

A MORGADINHA DE VAL-FLOR

Do immortal escriptor portuguez
M. PINHEIRO CHAGAS

A's 6 1/2 horas da tarde.

O Antonio taverneiro, alisando, com orgulho, as suas suissas ruivas, participou aos circumstantes que os comicos chegaram ás 11 horas da noite de sexta-feira, e que por serem muitos não lhes deu pousada. « Mande-os p'ro Candido, qu'ê hotel », dizia elle, e continuava ameigando os fios ruivos e asperos das suas populares suissas.

Algns dos circumstantes olhavam, instinctivamente, para um sobrado que ficava

no angulo da praça. Era uma casa caiada e velha, com tres janellas de gradil de ferro, espremida entre uma fila de casarias desconjunctadas, tristonhas, soturnas. Sobre o arco da porta central destacavam-se, em caracteres negros, os seguintes dizeres :

HOTEL DO CANDIDO

Alugam-se quartos. Recebem-se animaes a trato.

Debruçado sobre o gradil estava um estrangeiro, magricella, o rosto comprido, chupado, hetico e sem barba.

— Olhem. Lá está um dos sucios.

Disse o taverneiro apontando para o hotel.

— Aquelle é o galã.

Aventurou o Manoel barbeiro, cuspinhando longe, sem retirar as mãos da posição em que, já por velho costume, as trazia.

— Disso é qu'elle não tem cara.

Objectou o resmelengo Borges, e fazendo um movimento de hombros :

— Dahi póde ser que no theatro faça figura. Como á noite todos os gatos são pardos...

— E esta é que é a verdade, *sór* Borges, interrompeu o Antonio. Olhe qu'eu vi na côrte muita menina fatia, mas isso emquanto estava ao palco... Cá fóra... Valha-me o Senhor Bom Jesus do Monte ! Era um horror. Que bichos !

O escrivão da collectoria acompanhava as palavras do palrador com assentimentos de cabeça. E, lá no hotel, o entanguido, que parecia ter percebido servir de assumpto á *assemblée*, desviou o corpo do gradil, fez um gesto com a mão como se chamasse alguem no interior. Um corpanzil de mulher veio collocar-se ao seu lado.

— E aquella, o que será ?

Perguntou Borges.

Os companheiros arregalaram os olhos. A mulher conversava com o hetico, fazia gestos explicativos com a mão, sorria, sacudindo o busto desenvolvido, oscillando a cabeça penteada a *frou-frou*.

— Aquella deve ser a ingenua.

— A ingenua ! interjectou o Borges. Ora faça-me o favor, *sór* Antonio !... Pois aonde se vio uma ingenua daquelle feitio ! E aquelles seios, aquelle corpo, aquella barriga ! Pelo amor de Deos ! O que ella póde ser é a avó da ingenua.

O Antonio encavacou. A phrase final do Borges despertou hilaridade. Riram-se ás soltas, e um sujeito, que estava na roda, batia na espadua do official de justiça, exclamando :

— Ahi, Borges. Esta foi bem sacada ! Bate a musica nesta solfa !

Mas o Antonio explosio : — *Home*, vossê o que me parece é que tambem pertence aos sucios ! E desenrolou a lingua explicando a supposiçào, demonstrando, com irrefragaveis provas que o erro em que cahira era perdoavel. Citava os theatros da còrte, as actrizes que vira representar de ingenua apesar de maduras... Um discurso interminavel.

II

As seis horas da tarde, os habitantes da pacata villa de B*** encaminhavam-se para o improvisado theatro que a companhia Lemos levantára, durante a manhã, em uma estrebaria abandonada.

Trabalharam ás pressas para não perder tempo. E, posto que o local escolhido não favorecesse muito ao embelezamento de uma sala de espectaculos dramaticos, conseguiram com o auxilio de galhos de arvores, de arbustos, folhas de mangueira e sanefas sovadas, arranjar uma sala que seria pittoresca se não fosse um implicantre cheiro de palha secca e estrume resequido que pesava no ambiente.

Na frente da estrebaria estavam collocados dous mastros, oude duas velhas e desbotadas bandeiras, portugueza e brazileira, eram despertadas de quando em quando, do grande torpor em que jaziam, pelo perspassar das virações. Então os dous pedaços de panno, pendentes para o chão melancolicamente enrugados, oscillavam devagar, desfranziam-se um pouco, agitavam-se quasi sem forças e pendiam outra vez, tristes e desolados, para o solo em que os pés da gentalha varria as folhas de mangueira.

Collocaram nma sineta á porta, que um sujeito, de capacete de papelão prateado e farda encarnada, fazia soar de momento a momento.

« Meus senhores (clamava elle), é hoje a grande estréa da companhia Lemos, cujo elenco está formado com os melhores artistas da còrte. Representar-se-ha a *Morgadinha de Val-Flor*, drama original do maior escriptor da antiga Lusitania, o Sr. Dr. Manoel Pinheiro Chagas ! A' grrrande estréa, meus senhores ! Cada lugar nos bancos custa mil réis. Entrada geral a quinhentos réis. As crianças menores de doze annos pagam apenas um tostão sem direito de assento ! Um ovo por um espêto, meus senhores. A' grrrande estréa da companhia Lemos, sempre elogiada e applaudida em todas as capitaes civilisadas do mundo ! »

A sineta, tangida, echoava no espaço : tém : tém : tém : tém : tém...

« E' aproveitar ! Cada lugar nos bancos custa mil réis ! Entrada geral quinhentos réis. A grande estréa, meus senhores ! »

A noite descia calma e vagarosa. No horisonte os ultimos reflexos do sol empallideciam lentamente, como uma grande saudade que se apaga do fundo de uma alma. Do lado das montanhas, ao fundo da villa, a vegetação tinha tons uniformes, accusava-se em manchas pardas. A concorrência crescia.

Pretos cambaios, morrinientos, a boca aberta e aguada, estacionavam em frente do theatro, em grupos, uns achegados aos outros, acabrunhados, enervados, n'uma pasmaceira idiota. Entrava-se. Duas meninas, de vestidos brancos e chapéos de palha com laços encarnados, estacaram diante da porta, olhando com espanto para o theatro ; porém uma senhora idosa, que vinha atraz, trazendo o vestido apanhado pelo regaço, empurrou-as brandamente, e um homeim, de chapéu do Chile, dizia-lhes « que fossem andando, que aquillo não era para se vêr da porta. » O louro promotor, um conquistador terrivel, chegou com ares de conhecedor de platéas, apertou os olhos para a multidão, fez a boca desdenhosa, e encostou-se á entrada, açoutando a perna da calça branca com a *badine* de junco vermelho, encastoadade ouro. A dous passos de distancia, o Dr. Regadas, o maior clinico da localidade, conversava com o juiz de direito que, de instante a instante, esgaravatava as narinas e esfregava o pollegar no indicador, á maneira dos pharmaceuticos que enrolam pilulas. Entrava-se.

O Antonio chegou em companhia do Borges. Vinha endomingado, luzidio, o cabelo oleado, as suissas galhardamente repartidas. O Borges afastou-se para ir, humilde e curvo, cumprimentar o Sr. Dr. juiz de direito, e, como o juiz desse-lhe a mão a apertar, voltou alegre, irradiante, engrandecido.

No interior já havia muita gente. Um cheiro acre de folhagens novas, mesclado com emanações de estrebaria, pesava no ar. A luz era fraca, interrompida pelas massas de folhas que pendiam ao longo das paredes. No tecto, muito alto e de telha-vã denegrida, esfuziavam morcêgos. Na rampa, uma fila de lampeões projectavam intensa claridade sobre o panno, um velho panno amarrotado pelas excursões da *troupe*, pintado por algum amator de scenographia que empregára tres kilos de ocre em pannejamentos e troncos de arvores, tendo por fundo um horisonte com montanhas rôxas e céu branco.

A voz do annunciador, já enrouquecida, continuava a berrar, á porta : « E' a *Morgadinha*, meus senhores ! Entrem. Mil réis cada lugar. »

— Tem gente.

Murmurou o Antonio ao ouvido do Borges.

Os actores entravam para o palco por uma pequena porta aberta ao lado da orchestra. O entanguido, de cara rapada, esteve durante algum tempo a observar a platéa. Brilhava-lhe no olhar um contentamento infindo, uma satisfação profunda pelo feliz resultado da estréa. Depois passou a sujeita gorda. Andava com difficuldade, dando com os braços para os lados, remexendo todo o corpanzil. Era baixa, plethorica, a cara larga, os olhos miudos. Tinha o ventre pejado, muito saliente, redondo como uma melancia. E, após ella, entraram outros comicos, que o Antonio ia notando, procurando adivinhar-lhes a importancia scenica, fazendo commentarios opportunos.

Mas a sineta soou tres pancadas lentas, espaçadas, longas.

Fez-se silencio. A orchestra, duas rabecas, um piston e uma flauta, deu signal de começo e as notas da polka *Qu'è da chave* encheram a sala de uma alegria garôta, arrastada, langurosa, réles. E o panno subio, rangindo, pelo passar das cordas nos carreteis.

Era um interior pobre. Um sujeito amarello, de bigodes pretos, acabava de pintar o retrato de uma moça que estivera assentada em sua frente. Conversavam, mas, subitamente, soaram pancadas nervosas á porta do casebre, e uma grande figura gorda, trajada de homem, com a barriga enorme, appareceu em scena, jogando, para cima de uma cadeira, um capote de merinó preto.

III

O panno cahio ao estrepitar de palmas.

A platéa ergueu-se com rumor. Fallava-se á meia voz. Nuvens de fumaradas enovelavam-se no espaço. A mulher do juiz de direito, uma senhora esvelta, apertada em um vestido de sedinha azul pallido, conversava com o louro promotor, abanando-se devagar, cheia de morbidez; no movimento do braço reluziam os braceletes de ouro, faiscavam os brilhantes do anel.

O Antonio disse em segredo ao Borges, olhando de soslaio para os dous:

— Que escandalo!

Perto das paredes, grupos de rapazes namoriscavam meninas pudibundas, que olhavam de esguelha e occultavam os sorrisos com o lenço dobrado em triangulo. Um velho de olhos, e barbeado como um padre, contemplava admirado o panno, tendo o beijo cahido e babado. Do lado opposto o Manoel barbeiro, o escrivão da collectoria e mais outros individuos palestravam.

O entre-acto demorava.

A platéa inquietava-se. E lá por dentro, por traz do panno, havia certo rumor de passos, o telhado tremia, o panno oscillava. Passou de boca em boca a noticia de um ataque nervoso que acommettêra a Morgadinha... Um tombo que levára o Luiz Fernandes.

Um caixeiro de pharmacia, que fôra educado na côrte, atreveu-se a miar; diversas cabeças voltaram-se para o lado em que elle estava, porém um segundo miado partio da multidão que estava em pé, perto da porta da entrada, e houve hilaridade.

— Isto dá em droga, *sór* Borges.

Aventurou discretamente o Antonio.

— Pelos geitos...

Alguns gaiatos, animados pelo exito do caixeiro de pharmacia, tossiam alto, escarravam, cantavam como gallo.

Do fundo do palco chegavam rumores de vozes, arrastamento de passos, um ruido confuso, incomprehensivel. Ouviam-se gemidos abafados.

Por fim o panno oscillou com mais força e subia rangindo pelas cordas.

Luiz Fernandes appareceu em scena, muito pallido, porém sem bigode.

Veio até a rampa, perfilou-se, tomou attitude de quem vai fallar:

« Minhas senhoras, meus senhores... Tenho a honra de participar ao respeitavel publico que...

Tossio um pouco. Estava atrapalhado; tinha os labios seccos, e a mão, como que frouxamente gesticulava, tremia extraordinariamente.

« ... que (continuou elle) o espectaculo não pôde continuar... visto a Sra. Morgadinha, quero dizer, a senhora que fazia o papel de Morgadinha de Val-Flor...

Tossio de novo:

« ter...ter...—procurava a palavra, olhando lentamente a platéa; depois levou a mão aos labios como usam os actores para agradecer os applausos, e concluiu:—ter dado á luz a uma criança. Assim pois o espectaculo fica transferido. »

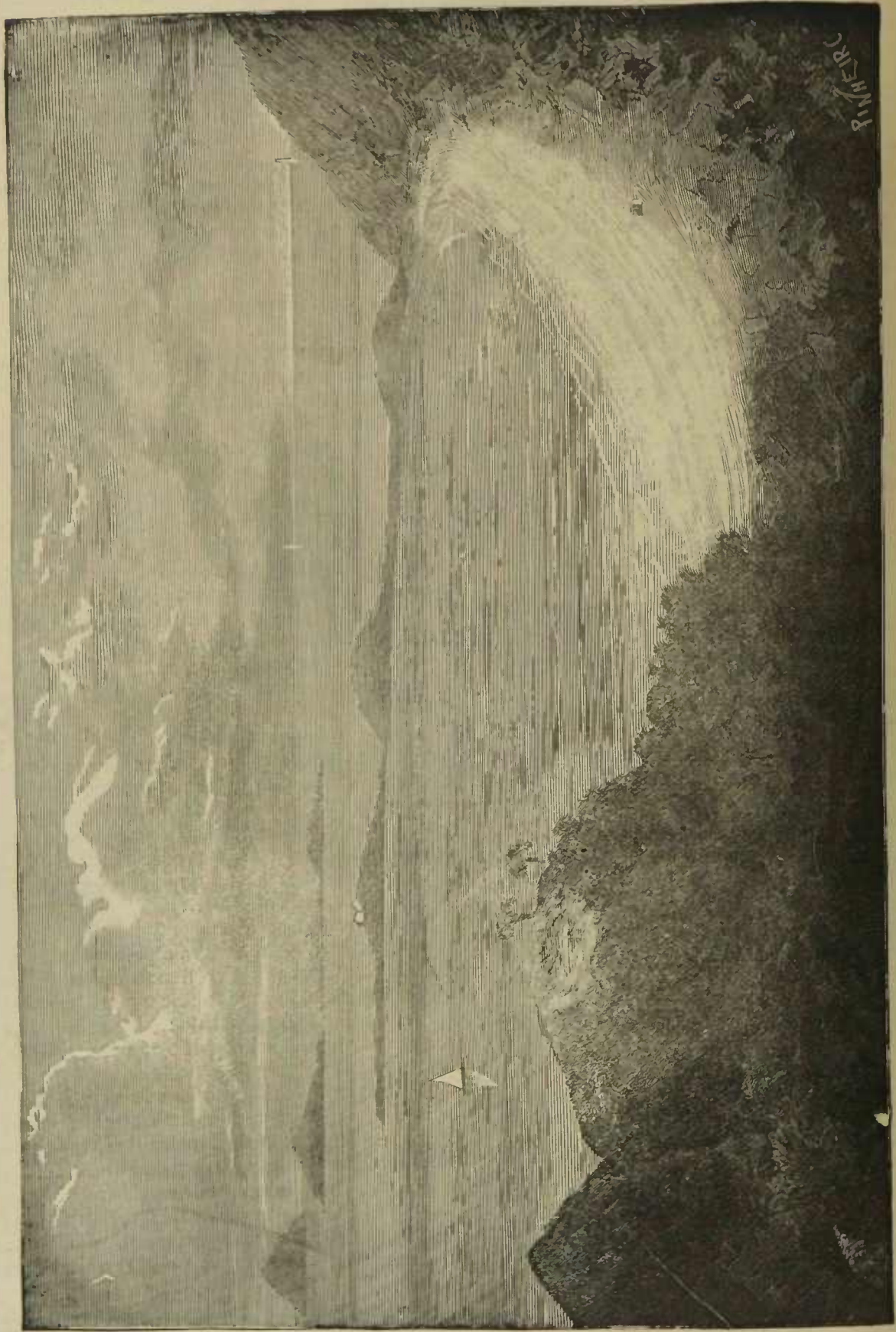
A multidão ouviu em silencio as razões do actor, e, todos a um mesmo tempo, como sujeitos a uma machina galvanica, levantaram-se. Houve um rumor pesado e lento. E o Borges, ao ouvido do taverneiro:

— Vês tu em que deu a Morgadinha? Pois é lá de mulher decente o trajar-se de homem... e de mais a mais, andar sósinha até alta noite!

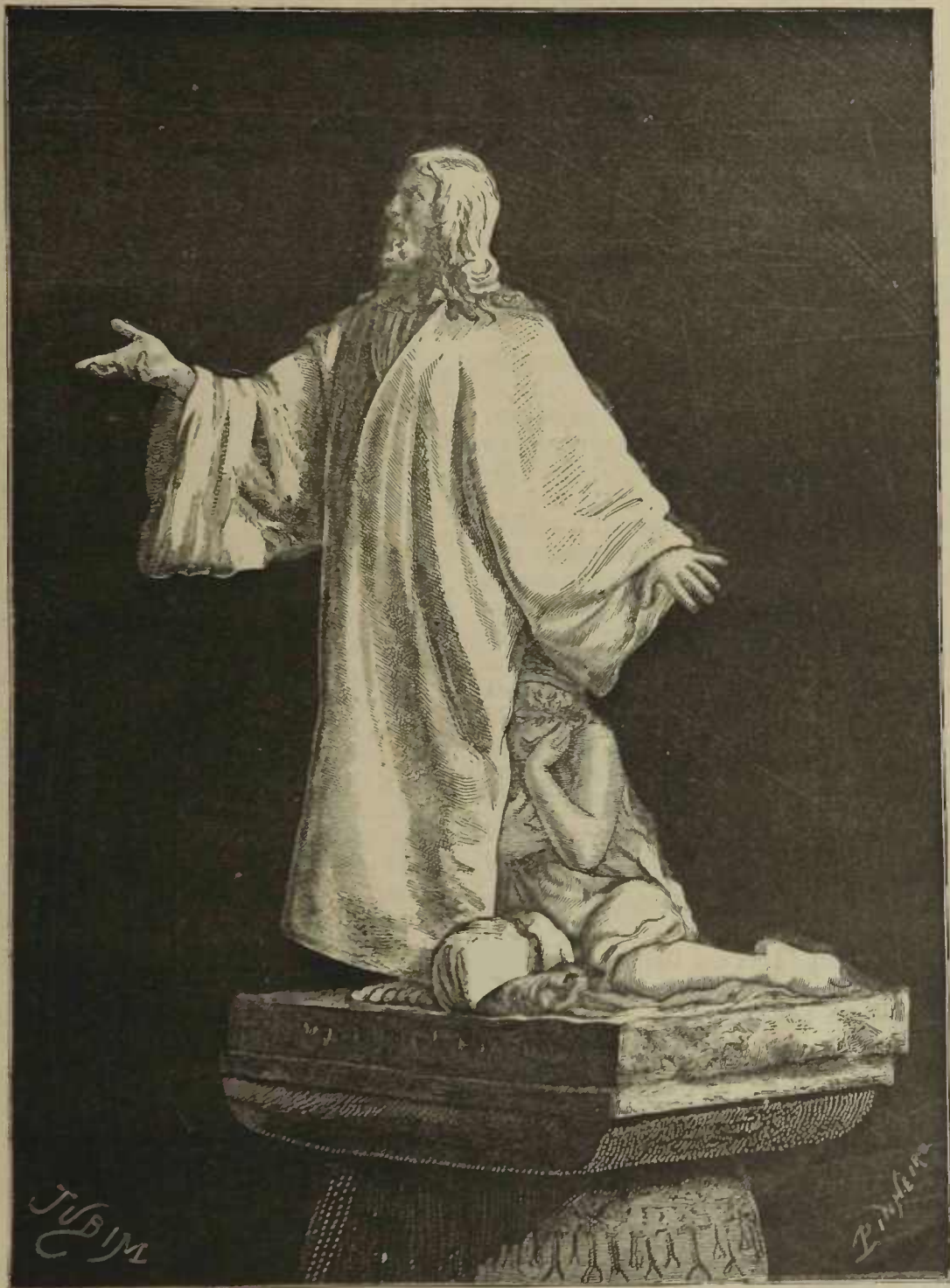
O outro meneiou a cabeça, cheia de reflexão:

— Esta é que é a verdade, *sór* Borges! Esta é que é a verdade!

L. GONZAGA DUQUE-ESTRADA.



PRAIA DA COPACABANA



CHRISTO E A ADULTERA, DE R. BERNARDELLI

PRAIA DA COPACABANA

Entre rolos de espuma ruga e brama
Na curva praia a onda buliçosa :
Copacabana o nauta appellidára
Essa plaga deserta e descarnada.
Juncam-lhe o seio variegadas conchas,
Purpureos astros, esmaltados búzios,
E a polida muralha que a ressaca
Desnuda, encapellando em furia as ondas.

PORTO ALEGRE, *Brazilianas*.

Está situada esta praia no municipio neutro, ao sul da cidade do Rio de Janeiro, e pertence á freguezia de S. João Baptista da Lagôa.

E' limitada pelo morro da Babylonia e outeiro de Nossa Senhora da Copacabana. E' uma praia arenosa, coberta de dunas de fina areã, onde o mar rebenta em vagalhões. Tem cerca de tres kilometros de comprimento e um de largura.

E' em toda a extensão coberta de cajueiros, pitangueiras, jambeiros, maçarandubeiras e alguns arbustos que formam capões bem interessantes.

Dão-lhe ingresso tres caminhos : a subida do Leme, que vem a ser a continuação da rua da Passagem, antigamente Pasmado e depois rua da Copacabana ; o caminho aberto nas terras de José Martins Barroso, que vindo da Restinga, na lagôa Rodrigo de Freitas, vai até o alto da Babylonia, onde se encontra com a rua da Real Grandeza no ponto onde se acha situado o hospital para molestias contagiosas, da Real Sociedade Portugueza de Beneficencia ; finalmente, a travessa da Praia Funda, que corta a fazenda do Fialho (antiga da Copacabana) e communica as praias da Copacabana e Arpoador.

Todo o terreno da praia é foreiro á Camara Municipal pela carta de aforamento passada por Martim de Sá em 1609.

Os Tamoyos chamavam a esta praia de *Sacopenopan* ou *Sacopinankan*, denominação esta que estendia-se á lagôa Rodrigo de Freitas. Esta ultima tomou depois varias denominações, taes como : Diogo de Amorim, Sebastião Fagundes Varella, e só em 1660 tomou o nome actual.

Reza a chronica que no meiado do seculo passado apparecêra uma imagem no local da actual capella, em uma lapa. Os marinheiros e pescadores levaram a santa para uma capella do centro da cidade. No dia seguinte a santa tinha desaparecido e foi encontrada na lapa. O povo considerou o caso como milagre, e o sargento-mór Antonio Coelho de Barros, casado com D. Maria Felippa Caetana, incumbio-se da edificação de uma capella para a santa, cuja torre ainda subsiste.

A capella teve para primeira administradora D. Aldonsa da Silva Rosa.

Em 1864 foi completamente restaurada por occasião do apparecimento de uma baleia proxima á praia e que trouxe os habitantes do lugar em alvoroço.

Tal foi o escarcéo, que Sua Magestade o Imperador desejou vê-la e perguntou porque os pescadores não a arpoavam : estes responderam que não se arriscavam nas fragei canoas que tripolavam ; então o Imperador mandou vir lanchas a vapor para esse fim.

No dia seguinte, quando as lanchas dobravam o canal da Cotunduba, o enorme animal fazia-se ao largo : o povo apinhado na praia tomou isso como um milagre da santa.

Com a reparação creou-se uma irmandade.

Na rocha em que está a capella existe um marco que foi fincado em 1757 para determinar-se a sesmaria de 1565. Junto está a casa dos romeiros.

Todos os annos no mez de Julho ha a festa da santa, á qual concorre grande numero de romeiros que vão prestar-lhe culto na sua capellinha modestamente caiadá.

Entre muitos edificios dissemnados pela praia existe uma escola publica e a capella de S. José, na descida do Leme (Inhangá), inaugurada a 21 de Abril de 1872.

Existem tambem ruinas de fortificações mandadas fazer na praia, no reinado de D. José I e por ordem do marquez do Lavradio, que temia uma invasão de Ceballos que já se tinha apossado da ilha de Santa Catharina.

No mar, bem proximo á praia, estão enterrados alguns canhões e uma linda columbrina ricamente ornada de relevos, que foi abandonada por não ser possivel conduzir-la dahi em 1840, quando essa fortificação foi desarmada.

TOBIAS BECKER.





A Rodolpho Bernardelli

Que poderei dizer da vossa obra de primor no estrondo dos applausos da academia, do governo e da cidade!

Graças vos rendo; vi, admirei e fui transportado.

Não posso esquecer; e como se fôra propria concepção, quando tão vivo e real, como no marmore, está o Christo (salvator) e a mulher (peccatrix); o Christo (medicus) e a mulher (aegrotas); o Christo (misericordia) e a mulher (miseria)!

A tocante e inspirada narração da aguia de Patmos sahe bella, harmoniosa e imponente do marmore esculpido pelo genio do joven artista. Espiritualisou a pedra morta até exprimir a palavra viva; o evangelista pelo esculptor!

A execução excusa a temeridade.

Nem as lagrimas do bemaventurado Angelico de Fiéselo, nem o poderoso genio de Leonardo de Vinci na Cêa, nem os milagres de Miguel Angelo no Juizo Final, nem as intuições de Murillo na Agonia de Santa Clara, nem a originalidade de Rubens na Descida da Cruz, nem a profunda sciencia de Bossuet e Pascal, attingiram em suas obras o ideal do bello, puro e completo do Filho do Homem.

Os poetas, desesperados, arrebentaram as cordas da lyra; os artistas, despeitados, quebraram o pincel e o escopro; os oradores e os philosophos cerravam os labios e suspendiam o pensamento para cahir de joelhos, e com a multidão dos crentes adorar a perfeição inexprimivel.

Não se attribua a defeito do artista a impotencia da propria arte.

A bella sombra da realidade, que a imaginação nem idealisar pôde, é já obra de genio.

Quanto me senti livre e feliz transportado ao templo de Jerusalém, ouvindo o clamor

dos accusadores impuros, os gemidos da peccadora e a sentença do Divino Mestre!

Aquella scena não é judaica, mas da humanidade.

Em todos os tempos e lugares os hypocritas exageram no publico as culpas alheias e de que são em consciencia endurecidos réos; em todos os tempos armam os mãos cilladas ao justo e desprevenido; em todos os tempos a multidão desvairada se mostra cruel contra a fortuna que cahe.

Aquella mulher sorprendida em flagrante, arrastada até o templo por mãos de accusadores implacaveis, insultada em sua desgraça, perseguida pela grita dos vagabundos, exposta ao olhar do Justo, a cuja sombra se refugia, coberta de vergonha e dominada pele terror, é admiravel, bello, eloquente!

Bravo, bravissimo!

Livre do punho dos delatores, como o pa-decente que vê o seu salvador, ella cahe aos pés de Jesus Christo, envolta no lençol do adulterio, que apenas cobre o pudor, toca com a cabeça a tunica santa, ou porque procure um véo que esconda o seu rosto, ou porque arrependida implore a salvação (*et tetigit fimbriam vestimenti ejus*)—(Math. IX, 20 et XIV, 36), e muda supporta o supplicio do terror e da ignominia!

A situação da mulher está trabalhada com perfeição; ousou dizer: não podia ser mais verdadeira e harmonica.

A belleza e correcção das fórmulas, apesar dos precedentes da scena, não inspiram sentimento incompativel com a presença do Divino Mestre e o templo.

A figura dominante de Jesus Christo impõe reverencia; o delicto apparece no escuro como um vestigio remoto; sente-se a alegria das primeiras illuminações de uma regeneração inevitavel. A mão firme e poderosa do Mestre sobre a cabeça da peccadora assegura a salvação.

Os sophismadores dos evangelhos a verbam de legenda apocrypha a historia da mulher adultera, e a attribuem á mão temeraria e posterior.

A belleza pura e sobrenatural sabedoria da narração e dos conceitos revelam a inspiração divina.

S. Jeronymo attesta que a lêra em numerosos textos gregos e latinos, e existe nos manuscriptos e edições das versões arabes, persas, ethiopes, slavas, anglo-saxonias, na italica antiga e na vulgata (*L'Evangile*, par Dehaut). Suppõe Santo Agostinho que a supressão desta historia de alguns manuscriptos é devida ao temor que se abusasse das

palavras de Jesus Christo para a defesa do adulterio. Esta supposição funda-se na inexacta interpretação do texto.

Em verdade, da narração de S. João não se deduz que Jesus Christo defendesse o adulterio ou a adúltera; pelo contrario condemnou ambos, dizendo: « *Vade, et jam amplius noli peccare.* » (Joan. VIII, II).

O sabio e santo bispo de Hyppona explica perfeitamente o texto: « Jesus não diz:—Eu não quero que esta mulher seja lapidada; seria oppor-se á letra da lei; menos diz: lapidai-a; porque não viera para perder, mas para salvar os peccadores arrependidos. Contenta-se com dizer aos phariseus: Eu não me opponho á punição da peccadora, pois que a lei o determina; mas que aquelle

d'entre vós que se reconhecer innocente do crime por que a accusa lhe lance a primeira pedra, mas não os que se declaram vingadores da lei, e são seus prevaricadores ousados e mais culpados do que a peccadora (*Puniatur peccatrix, sed non a*

peccatoribus; impleatur lex, sed non a prevaricatoribus legis. »

A attitude de Jesus Christo não é de defensor da mulher accusada, mas do mestre que ensina no templo (— *sedem docebat eos* — Joan. 2) Elle a um tempo desarma a cilada dos phariseus, que pretendiam collocar-o entre o rigor da lei antiga e a misericordia da nova, e firma o principio:—ninguem accuse em outro o peccado. (*Non est ferendus accusator qui, quod in altero vitium reprehendit, in eo ipso deprehenditur* — Cic. in. Ver.)

Em vez de defender a mulher, o Doutor da nova lei oppoz contra os accusadores a excepção de incompetencia, e porque os accusadores eram essenciaes ao julgamento

(S. Paulo ad Heb. X, 28) a adúltera sahio salva. (*Muller, ubi sunt qui te accusabant?*)

A impunidade da mulher resultou, como effeito, da excepção.

O que determinou a fuga dos accusadores emmudecidos, aterrados, confusos e humilhados, não foram as palavras de Jesus: « *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat,* » mas o que escreveu com o dedo sobre a poeira do pavimento do templo (*digito scribebat in terra*) uma e duas vezes (*et iterum scribebat in terra*).

Nessas letras com tanta caridade confiadas ao vento, os accusadores sentiram a consciencia traspasada pela espada da unica justiça, que não carece de accusadores e de provas, penetra nas dobras mais reservadas

da alma (*Oculi Domini multo plus lucidiores sunt super Solem, circumspicientes omnes vias hominum et profundum abyssi, et hominum corda intuentes in absconditas partes.* — Eccl. 23, 28).

Emquanto os phariseus perseverantes expõem a

mulher á vergonha e clamam pelo castigo, Jesus Christo guarda silencio, e inclinado escreve no chão a culpa delles, poupando-lhes a humilhação!

O silencio de Jesus Christo é o elemento decisivo do desenlace da scena evangelica; nelle está a suprema belleza moral e artistica.

O Doutor da lei nova não usa da palavra senão depois de muito interrogado (*Cum ergo perseverarent interrogantis e um* — Joan. VIII, 7).

Elle tudo espera das letras escriptas no pó e onde está o fundamento da resposta; não queria fallar. Com o silencio tudo consegue: annulla a astucia dos phariseus, confunde os accusadores e salva a mulher!



UMA VISTA DO AMAZONAS

Esta é a força daquelle que passou a noite em supplicas no monte das Oliveiras, ás inclemencias do tempo, e sem lugar em que repousasse a cabeça!

Descalço no templo, elle é o pobre sem o fino linho e vestiduras preciosas dos que habitam os palacios regios, observando com rigorosa modestia os usos de sua nação. Em vez da toga caudata dos Scribas e dos Pharisaeus, a tunica curta e inconsutil — (Joan. XIX, 23), que os Gregos chamam *chiton* e os hebreus *chetoneth*, e o manto fluctuante (*talith*) deposto para o lava-pedes, cingin-

do-se da toalha (*et ponit vestimenta sua; e cum scepisset linteum proccinxit se* — Joan XIII, 4).

Honra ao governo, que galardoou o merito provado; aos mestres que o animaram com seus applausos; aos amadores que o admiram e aos jovens discipulos que o cobrem de flores.

Rodolpho Bernardelli! — o bello é infinito; fica na patria e trabalha.

ANTONIO FERREIRA VIANNA.

FAUNA BRAZILEIRA

II

O jacaré

O jacaré pertence á classe dos réptis e ordem dos *saurios*; no Brazil contam-se varias especies vivas, entre as quaes citaremos: o jacaré commum, *Alligator cynocephalus*, que attinge as maiores dimensões, e que habita quasi todos os rios do Brazil; o *Alligator palpebrosus*, especie menor que a precedente, mas não menos feroz; o «tejú - assú,» *Tupinambus nigropunctatus*; e, finalmente, os conhecidos da sciencia pelos nomes de *Iguana delicatissima*, *Lacerta marmorata* ou *Polychrus marmoratus*, *Lacerta scincus*, *Lacerta striata* e *Tupinambus viridis*.

De um interessante trabalho do nosso distincto escriptor o Sr. conego Francisco Bernardino de Souza, *Commissão do Madeira*,

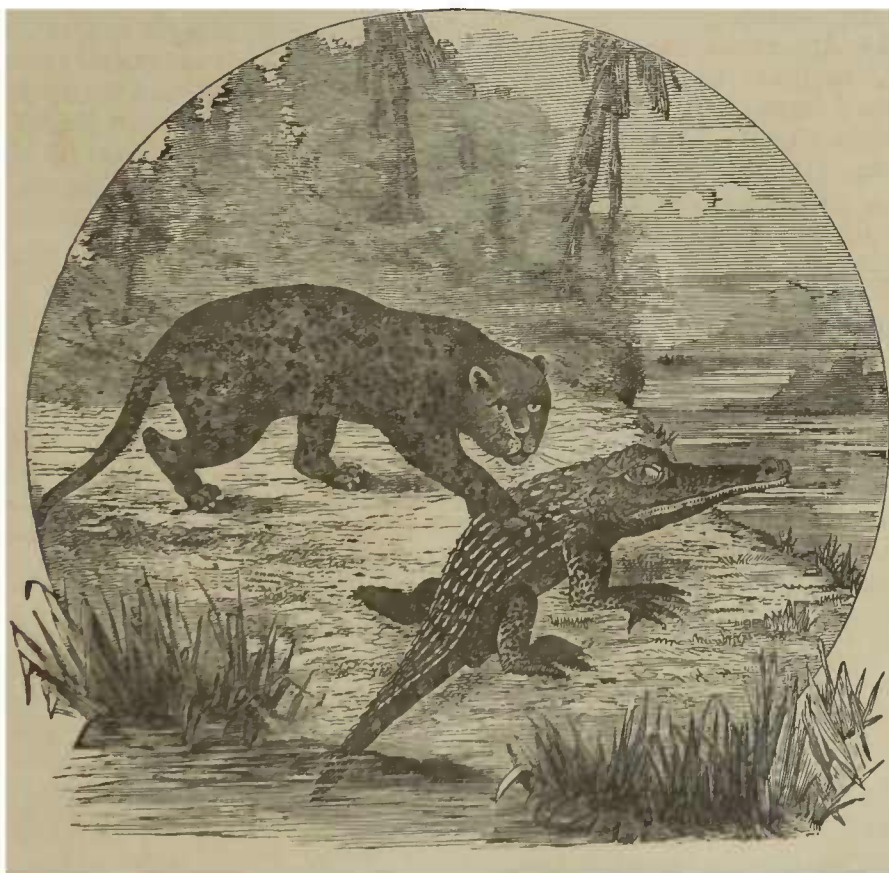
*Pará e Amazonas**, extrahimos as seguintes e curiosas particularidades a respeito deste *saurio* brasileiro.

E' extraordinaria a quantidade de jacarés que infestam os rios e lagos, que abundam nas duas provincias do Pará e Amazonas. Afirmaram-me, e terei ainda occasião de verificar pessoalmente a exactidão do que me referiram, que muitas vezes são as montarias, que cortam os rios, obrigadas a passar por entre alas numerosas desses terribes amphibios.

Ha muitos de um tamanho descommu-

nal e que são verdadeiros monstros dessas paragens perigosas.

* Rio de Janeiro, typographia Nacional, 1874. primeira parte 145 paginas, segunda 177 paginas, terceira 145 paginas todas em 8º grande.



O JACARÉ

Nas montarias muitas vezes atacam os homens que as tripulam, mórmente quando se vêm perseguidos e arpoados. Tornam-se então furiosos, e vibram com a enorme cauda taes pancadas na montaria que as quebram e fazem-n'as virar. Referio-me um dos mais dextros pescadores de Obidos, e homem sisudo, que, arpoando uma vez por engano um jacaré, investira este furiosamente contra a montaria em que se achava, e com tal força agarrava a borda da canoa que despedaçou-a, e victimas seriam do monstro os que nella se achavam se a mão possante de um remador não vibrasse contra a cabeça do terrível *saurio* um golpe violento e certo, que atordou-o, obrigando-o a largar a presa e a submergir-se no fundo do rio.

Como este, muitos outros factos me foram referidos. Afirmou-me Fr. Samuel, superior dos missionarios capuchinhos, em Manaós, e um dos homens mais conhecedores das regiões banhadas do Amazonas e seus afluentes, que nas cabeceiras dos rios e nos lagos inferiores são em extremo ferozes os jacarés, investindo contra as jangadas e montarias, e assaltando os tripulantes.

Os jacarés do Amazonas são em geral muito grandes, medindo alguns 24 e mais palmos. A cabeça é immensa, alongada e pesada, constituindo só ella a terça parte do seu comprimento. Os olhos superiores á superficie do casco, parecem mostrar a malicia e a ferocidade de que são dotados. A guela enorme, e têm armadas as queixadas de uma ordem de dentes muito fortes e ponteagudos. O corpo é sustentado por quatro patas cobertas de uma casca durissima. O dorso de côr escura, é coberto de escamas espessas, e tão duras que offerecem resistencia ás balas de espingarda, que nella se achatam como no couro do bufalo ou do rhinoceronte.

Para matal-os é mister que seja feita a pontaria nos olhos, nos ouvidos, na parte inferior da garganta ou no ventre. Como têm as vertebrae da garganta arredondadas e unidas umas ás outras por falsas costellas, sentem grande difficuldade em se mover ou em mudar de posição. Em linha recta correm com a rapidez da flecha, mas cñstam muito a se mover e tomar differenter posições, de modo que é facil evitar-lhes a perseguição, cortando-lhes o caminho e correndo em zig-zag. Em terra são muito mais ferozes do que n'agua, e dizem que depois de se acostumarem á carne humana são perigosissimos, porque assaltam com muita temeridade.

Ao passo que é tão feroz e terrível o jacaré para com o homem, é covarde e pusilanime com a onça.

Parece incrível o que vou referir, mas é a verdade, é facto muito comensinho, que todos conhecem no Pará e Amazonas.

A onça agarra o jacaré pela cauda e devora-o sem que este se atreva a fazer a menor resistencia; salta no rio ou no lago, puxa-o para terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe na queixada, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á imitação do gato antes de devorar o rato. Depois de haver assim martyrisado aquelle enorme e possante amphibio que allí está quieto, immovel e como fascinado, pula sobre elle e começa a devoral-o pela cauda. Terminada a primeira refeição, cobre com folhas a parte encetada, e afasta-se da victima certa de que a encontrará no mesmo lugar quando voltar.

Se por allí acontece passar alguma pessoa, embravece-se o jacaré, abre a guela enorme e ameaça atirar-se contra o viajor, entretanto que espera, sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devoral-o.

Não sei explicar essa especie de fascinação que exerce a onça sobre esse gigante dos lagos e dos *ygarapés*. Creio que duvidosa não seria a victoria em favor delle se ousasse travar luta corporal com a onça, porque é prodigiosa a força que tem o jacaré na cauda e nas queixadas. Entretanto não ha exemplo de haver elle tentado semelhante acommettimento; deixa-se covardemente agarrar pela onça e morre sem tentar a mais pequena resistencia.

Parece a onça conhecer a fascinação que exerce sobre elle, assim como parece respeitar as terriveis phalanges de dentes que lhe encham as queixadas. Antes de saltar n'agua, quando tem de atravessar algum rio uiva duas ou tres vezes, como para annunciar a sua passagem, e os jacarés, que seriam capazes de a devorar se não a conhecessem, fogem espavoridos para o fundo do rio ou dos lagos.

Para atacarem o homem mais a salvo, costumam os jacarés occultar o corpo debaixo d'agua, ficando-lhes sómente os olhos proximos á superficie, de modo a poderem espreitar a presa sem correr o risco de serem vistos, e assim assaltam as pessoas que descuidadas se vão banhar á margem dos *ygarapés* e dos lagos.

Os lugares mais frequentados pelos jacarés são proximos ás povoações.

Durante a vasante dos rios, e quando as praias ficam a descoberto, costumam sahir dos lagos e rios as femeas, afim de irem depositar os ovos nas praias e *igapós*. D'entre todos os animaes são talvez os jacarés que

mais variam de tamanho no estado adulto. Um jacaré que no maior crescimento attingirá 20 a 24 palmos, começa a multiplicar a especie com 8 a 10 palmos.

Na época propria sahe a femea da agua, cava com as patas dianteiras na praia ou igapó, em lugar abrigado, uma especie de ninho, e ahi deposita os ovos, que geralmente são de 20 a 60, em camadas regulares, cobrindo-os depois com folhas sêccas. Ai do imprudente que tivesse a infelicidade de sorprendel-a nesta operação; a não fugir com a rapidez da flecha, seria devorado pelo monstro depois de uma luta corpo a corpo.

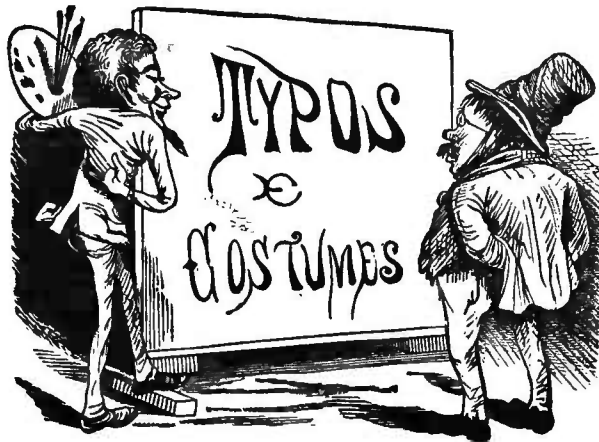
Quasi nunca se afasta o jacaré do lugar em que se acham depositados os ovos, e quando a femea tem necessidade de ausentar-se ahi fica o macho de guarda para preserval-os de qualquer perigo, defendendo-os com furor da menor aggressão. Não se encontra no Brazil o celebre *ichuemon*, que dizem ser o destruidor dos crocodilos do Nilo.

Asseveram-me diversas pessoas que os jacarés nunca atacam no fundo dos rios ou lagos; póde-se passar impunemente por elles e até abalroal-os. Em Villa Bella havia um *tapuio* que, armado de uma faca, atirava-se ao rio, e começava no fundo a matar jacarés, esfaqueando-os pela barriga.

No Amazonas ha muita gente que aprecia a carne de uma das especies do jacaré, o *tinga*; dizem ser um prato muito saboroso.

Que lhes faça bom proveito! Tanto esta como as outras especies exhalam um cheiro activissimo de almiscar, que é realmente insupportavel.

F. BERNARDINO DE SOUZA.



O tocador de realejo

Debalde consultámos a *Revista do Instituto Historico*, folheámos em vão as paginas valiosas das chronicas do Mello Moraes, consultámos sem proveito o bibliophilo Martins, da Bibliotheca Fluminense, nada pudemos colher de exacto a respeito da origem deste typo.

Que é exotico não resta a menor duvida, como tambem não resta a respeito da nacionalidade; — é italiana — ou se preferem na gíria popular — é carcamana, legitima; é ouro sem liga. O que se sabe é que o tocador de realejo appareceu depois das aguas do monte, pois no seu limitado repertorio ainda não foi encontrado o celebre

Vem cá Bitú

a quem o Sr. Theophilo Braga chama *Vitú*, e a quem o Sr. Sylvio Romero empresta uma antiguidade que está bem longe de ter, pois com todo o fundamento affirmam dous outros contemporaneos que ainda existem, do celebre cachaceiro, que o Bitú era do tempo do rei, e que as aguas do monte deram-se em 1811.

Apurado este ponto, só nos resta seguir a opinião de um autor anonymo, cujo manuscrito inedito de suas *Memorias* pára em nossas mãos; diz elle que o tocador de realejo coincide com o segundo reinado de facto; e até sustenta ter sido o typo importado por occasião do casamento de Suas Magestades, o que é bem provavel, pois o velho Archangelo Fiorito, que fez parte do pessoal que acompanhou de Napoles para esta côrte a nossa terceira imperatriz, corrobora esta asserção, dizendo que effectivamente a bordo vinham alguns *artistas em realejo* disfarçados em *bichos de cosinha*.

Verdade ou não, o certo é que a planta exotica deu-se bem no solo, medrou, cresceu, florio, mas jamais fructificou, pois até hoje continúa ella a ser importada da Italia.

Houve quem tivesse a ideia de enchertal-a, mas não produziu rebento que désse fructo. O

elemento servil jamais a contaminou com a sua impureza, e por isso é que os abolicionistas nada ainda acharam que dizer do tocador de realejo.

Esta especie hoje pouco commum, mas ainda não rara nesta cidade, desenvolve-se bem em qualquer terreno, dando, porém, sempre preferencia á area da cidade nova e ruas pouco commerciaes, e isto por uma razão muito simples: só nas familias pobres é que o tocador de realejo encontra sempre o seu Mecenas.



TOCADOR DE REALEJO

O seu inseparavel companheiro é quasi sempre o macaco; algumas vezes, como apresenta a nossa estampa, em vez do *Simão*, faz-se acompanhar por uma criança resmenlenga, o que vem a dar no mesmo.

O tocador de realejo foi aproveitado por Joaquim Manoel de Macedo em seu chistoso *Phantasma Branco*, dando lugar a alguns ditos do imperterrito capitão Tiberio, que faziam as delicias dos antigos frequentadores do theatro de S. Pedro, no tempo em que o Martinho era, como elle proprio diz, *gente*. Hoje é... cobrador do Seguro.

Conta-se que um desses tocadores de realejo, levado pela sua paixão de viajar, interrando-se por uma invia floresta, lá para Mato Grosso, vio-se de subito presa de uma tribu indigena, que pelos modos por que lhe mostravam os dentes, pareciam querer fazer delle um bom almoço, em churrasco ao Rio Grande.

Julgando-se quasi perdido o nosso heroe, que tinha suas noções de mythologia, lembrou-se de Orpheo abrandando os diabos, e

como taes julgando os nossos indigenas, abriu o tampo de madeira da caixa dos bonecos e começou a tocar a *Maria Caraca*.

Prodigioso milagre! Os caboclos ficaram maravilhados, e por pouco que o não acclamam rei, como fizeram com o Caramuru. Levaram-n'o em charola, deram-lhe paca assada com pão de mandioca, cauim e favos de mel para sobremesa.

Grato por tão gentil hospitalidade, o ingenuo italiano entrou logo a ensinar os bugres a tocar realejo; porém mal se acharam elles de posse do segredo da manivela, voltaram á ideia primitiva e comeram assado de espeto o nosso heroe. Fizeram nesse dia uma grande pandega, embriagaram-se, mas tanto tocaram realejo que o quebraram; curiosos de ver o que havia dentro puzeram afinal a caranguejola em cacos.

F. F.



DIVERSÕES DE SALÃO

EQUILIBRAR UMA MOEDA NA BORDA DE UM CÓPO

Eis uma experiencia de equilibrio, de natureza a excitar o maior interesse, pois á primeira vista não se sabe onde se acha a vertical do centro da gravidade. A experiencia consiste em manter em equilibrio, por exemplo, uma moeda de nikel, de 200 réis (vide a figura), pela circumferencia exterior sobre a borda de um cópo d'agua.



Para manter a moeda nessa posição, passa-se ella entre dous garfos, depois de haver-a pousado sobre a borda do cópo; inclina-se então mais ou menos a direcção dos garfos até o momento em que estes chegam quasi a borda da moeda, e assim se obtem o equilibrio. O centro de gravidade do sistema formado pelos dous garfos e a moeda de nikel cahe sobre o centro da circumferencia formado pela borda do cópo.